A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA NO CONTEXTO ESCOLAR

MARIA DO CARMO SILVA DE JESUS

Resumo

Trabalhar a diversidade cultural no contexto escolar tem sido cada vez mais necessário, pois reconhece-se que a escola tem como objetivo principal a formação do aluno para o exercício pleno da cidadania, transformando a sua realidade por meio do acesso ao conhecimento. Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo compreender como a escola pode trabalhar a valorização cultural na primeira infância, por meio do trabalho realizado frente à cultura negra no currículo escolar. Para isso, foi desenvolvido um estudo de caráter bibliográfico que evidenciou a existência de uma legislação que embasa o trabalho frente a diversidade cultural na escola e a abordagem frente à cultura negra, e junto disso, é preciso que o professorado trabalhe de maneira engajada a ressignificar a trajetória de discriminação racial e preconceito, trabalhando com sensibilidade, valorização da cultura e identidade, permitindo a quebra de paradigmas e a construção de um olhar alinhado, positivo e capaz de respeitar a singularidade de cada um.

Palavras-chave: Educação Infantil. Multiculturalismo. Relações étnico-raciais.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil teve historicamente, no aspecto legal, uma postura ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afrodescendente brasileira até hoje, tendo sua história formada ao longo dos anos mantendo o negro à margem da sociedade brasileira.

Diante desse contexto, o ambiente escolar deve favorecer a valorização da pluralidade cultural, pois nosso país é multicultural e multiétnico, no entanto, percebe-se que o livro didático nas raras ocasiões em que apresenta o negro o focaliza como um elemento muitas vezes à margem da sociedade, o fato caracteriza como a política de branqueamento demonstrando que a educação brasileira não está desenvolvida para alunos negros, tendo o livro didático o intuito de ser um instrumento de socialização, com compromisso de formar alunos íntegros, com valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças.

As pessoas necessitam ser educadas para respeitar umas às outras com suas diferenças, é preciso começar a mudar, começando pelo livro didático, pois é uma importante ferramenta portadora de conceito, ideologia e conteúdos formadores de opinião, podendo transmitir ideias, intenções e desejos, em muitos casos é o único acesso à leitura de alguns alunos, contribuindo na formação e sua identidade.

É preciso trabalhar a discussão da diversidade já na infância, para a criança romper estereótipos e preconceito racial, a discriminação se prolifera nas escolas através do material pedagógico, foram excluídas dos livros didáticos as histórias de luta dos negros na sociedade brasileira, utilizando na maioria das vezes dados negativos vinculados à escravidão. O problema não está em contar histórias sobre escravos e sim na abordagem do tema que na maioria das vezes deixam os alunos negros constrangidos,

por isso, deve-se trabalhar para construir uma identidade negra positiva, não educar todos igualmente e sim na diversidade, ressaltando as especificidades com senso de valorização.

Devido à constatação de sua exclusão política, econômica e social, os negros são os que ganham os menores salários por causa da educação, sendo marginalizados na escola, os negros lutaram pela educação, pois só assim conseguiriam se inserir na sociedade, mas nas escolas a carga de branqueamento é enorme, ocorrendo o silencio dos Afros na história do Brasil, sendo exigidas mudanças nos currículos.

O movimento negro lutou pela desigualdade e discriminação sofrida, com a criação da pedagogia interétnica foi então sancionada a lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases e estabelece diretrizes curriculares, instituiu a obrigatoriedade do ensino da história da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e ensino médio, com essa decisão o negro contribuiu com a construção e formação da sociedade brasileira, pois não foram apenas escravos, são muito mais que isso, somos um país miscigenado.

O presente estudo tem como objetivo compreender como a escola pode trabalhar a valorização cultural na primeira infância, por meio do trabalho realizado frente à cultura negra no currículo escolar.

Para tal, será desenvolvido um trabalho de cunho bibliográfico, a partir do uso de livros e artigos científicos do campo da diversidade cultural e cultura negra, disponíveis na Biblioteca Digital e Google Books, a partir dos descritores: Educação Infantil; Diversidade Cultural e Relações étnico-raciais.

2 DESENVOLVIMENTO

A identidade é definida como o componente individual de cada ser, capaz de diferenciá-lo de outros indivíduos ainda que pertençam a um mesmo grupo. A construção dessa, por sua vez, está ligada a aspectos históricos, sociais e culturais que influenciam diretamente na formação do ser e na maneira como este se apresenta para o mundo.

Nesse contexto, ao pensar na formação da identidade afro-brasileira, há muitas desigualdades no que tange aos direitos sociais, pois ainda que exista uma cultura extremamente rica, existe um histórico de muita dor e injustiças neste percurso.

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspetos físicos herdados pelos descendentes de africanos. (BRASIL, 2004, p. 15).

Para falar sobre as relações étnico-raciais no ambiente escolar, é preciso prioritariamente falar sobre história, pois desde que os primeiros negros foram trazidos ao Brasil, passaram a viver em condição de exclusão mesmo com grandes contribuições a cultura do país (LIMA, 2013).

Evidencia-se que no processo de colonização do país existiu ausência de mão de obra para o trabalho da lavoura canavieira e, a partir desse cenário, o tráfico negreiro passou a existir. Estes, por sua vez, foram tratados de maneira desumana, como animais acorrentados e sem valor algum, no qual muitos não sobreviveram no trajeto

dada a falta de condições (LIMA, 2013).

Já no Brasil, os que resistiram seguiram em condição extrema de vulnerabilidade, sendo vendidos em feiras e leilões para serem empregados daqueles que possuíam maior condição financeira. Nesse processo de compra e venda, identifica-se que estes eram vendidos como objetos, pois chegaram a ter suas peles besuntadas com óleos para mostrar mais viço e aspecto saudável, enquanto os doentes recebiam cuidados básicos para que pudessem ser ofertados por um maior valor. O desempenho físico dos negros também era avaliado, bem como a arcada dentária, que se estivesse em boa condição, recebia uma maior oferta. No caso das mulheres, eram condições associadas a maternidade, tanto para cuidar dos filhos dos senhores, como também para gerar novas crianças para serem escravizadas.

Quando se tratava de mulher, os seios eram bem examinados, pois poderia vir a servir como ama de leite e bem assim as nádegas. Tinha-se interesse em negras do traseiro grande, bem servido de carnes, porque isso era – diziam – indício de força, saúde e qualidade de boa parideira, capaz de dar novos escravos ao senhor (MACEDO, 1974, p. 32).

A chegada no território brasileiro foi extremamente traumática, pois foram objetificados, obrigados a deixarem seus costumes, os nomes foram trocados para os de origem portuguesa, como João, Maria, Joaquim e afastados de seus familiares. Além disso, a rotina de trabalho era muito exaustiva, pois acordavam muito cedo, dedicavam-se a colheita, trabalhos domésticos, entre outros, tinham poucas pausas, se alimentavam com as sobras de alimentos e eram constantemente punidos com castigos físicos e psicológicos (LIMA, 2013).

Ainda que sob uma vida extremamente sofrida, verifica-se ao longo da história que nem todas as mudanças abruptas foram capazes de apagar totalmente as raízes do povo negro, como por exemplo, por meio da música, vestimenta, religiosidade e até mesmo alimentação, pois pratos tão requisitados hoje como a feijoada, eram comumente criados por eles, com as sobras de carnes das casas que trabalhavam.

Dessa forma, ainda que a história do negro seja marcada por muitas lutas e, acima de tudo, resistência, é muito comum que os livros didáticos, por exemplo, abordem todo esse percurso de sofrimento, mas não enalteça toda a produção de cultura e como toda a população brasileira é impactada positivamente pela valiosa cultura negra, nos mínimos detalhes que devem ser valorizados, como dito anteriormente. Sendo assim, em uma aula de história, por exemplo, é comum que muitos alunos negros se sintam constrangidos e até emocionalmente abalados com a abordagem história do percurso, que claramente não deve ser escondida, mas deve ser trabalhada sob diferentes óticas, para que resulte em empatia, respeito, valorização da diversidade e a construção de um novo olhar, quebrando paradigmas de preconceito e discriminação que não cabem na sociedade contemporânea.

O ambiente escolar é tido como a base do desenvolvimento humano, pois por meio de atividades estruturada e de um currículo coerente, diversas competências e habilidades são desenvolvidas. Além disso, o próprio convívio humano, por meio da socialização, permite muitas trocas e construções, o que evidencia a necessidade de um ambiente devidamente estruturado e har-

mônico. Vale ressaltar, ainda sob este olhar, que a escola representa uma parcela da sociedade, então todas as questões culturais e sociais passam a permear o ambiente, sendo necessário um trabalho de quebra de paradigmas, reconstrução e olhar sensível.

Embora a construção da educação seja um processo constante, na fase da Educação Infantil a criança desenvolve a sua base de conhecimento, sendo essencial que algumas questões como a diversidade e valorização das culturas e peculiaridades individuais sejam consideradas, pois é muito comum que as crianças passem a reparar entre si e até questionarem as razões pelos quais possuem tonalidades de pele diferentes, cabelos, entre outros.

É possível que estes questionamentos venham na inocência da criança de observar atentamente tudo ao seu redor, no entanto, não é difícil também verificar falas estereotipadas que vem a partir do olhar da própria família, gerando as primeiras situações de preconceito e racismo no espaço escolar. Por isso, é preciso desenvolver um trabalho atento, sensível e capaz de criar um novo olhar frente à diversidade, a partir de um currículo estruturado. Nesta perspectiva, a Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira complementa:

Capítulo II - Da Educação Básica

Seção I - Disposições Gerais

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia (BRASIL,1993).

Dessa forma, aponta-se que as relações étnicas devem ser trabalhadas desde a infância, até porque um outro fator importante envolve as práticas de bullying, pois não é incomum que crianças negras se sintam excluídas, rejeitadas ou até ridicularizadas pela sua própria aparência, sendo essencial que desenvolvam autoestima, reconheçam e acolham as suas características e se sintam pertencentes ao meio.

É preciso que seja desenvolvido projetos de cultura e identidade na escola, pois muitas crianças possuem dificuldade de autoaceitação e baixa autoestima devido ao meio social e as dificuldades que advém da própria família, pois os pais também viveram longas e exaustivas situações de exclusão, muitas vezes uma vida de oportunidades negadas, entre outras situações que geram um contexto desfavorável (NEVES, 2009).

Para isso, cita-se a inserção de personagens lúdicos negros, atividades que evidenciem e valorizem as diferenças, rodas de conversas, musicalização, entre outros que abordem a temática de forma leve, produtiva e prazerosa. Além disso, nas séries posteriores, especialmente quando os livros didáticos são adotados, que seja realizada uma revisão acerca da abordagem que será utilizada, pois deve-se usar deste período sensível do país para sensibilizar e discussões questões essenciais nesse processo de reparação histórica e luta pelos direitos, mas não para gerar mais dor, constrangimento ou qualquer postura que rebaixe o

aluno negro diante da sala.

Falar em de autoestima das crianças significa compreender a singularidade de cada uma em seus aspectos corporais, culturais, étnico-raciais. As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Dependendo da forma como é entendida e tratada a questão da diversidade étnico-racial, as instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou, pelo contrário, favorecer a discriminação quando silenciam diante da diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva ou quando silenciam diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras. (MEC,2006, 12)

Neves (2009) complementa enfatizando a necessidade de a escola reorganizar os seus conteúdos englobando representações negras, pessoas histórias que contribuíram positivamente, aprendizados e manifestações que reverberam em uma construção mais positiva sobre a temática.

Acredita-se que é preciso educar para as diferenças, ou seja, as crianças precisam aprender sobre o respeito e amor sobre o próximo, considerando suas características peculiares, sejam elas étnicas, culturais ou religiosas. E neste processo, o professor tem papel fundamental (CANDAU, 2002).

Embora o foco seja falar como o professor pode trabalhar para favorecer a construção de uma sociedade melhor na fase da Educação Infantil, não se pode deixar de citar a necessidade de a família estar em parceria com a escola no processo educativo. Assim, é muito interessante quando as instituições conseguem aproximar os pais das propostas realizadas, para que eles também aprendam e mudem suas visões sobre o mundo, já que muitos deles reproduzem discursos de ódio sem ao menos refletirem sobre o que estão fazendo (GOMES, 2005).

Já em sala de aula, é preciso existir um trabalho que envolva respeito e valorização das diferenças. A primeira delas é sobre a forma como nos expressamos em sala. É muito comum que exista pudor para falar que o aluno é negro, no entanto, quando se fala com naturalidade, as crianças entenderão que não existe problema algum em ter esse tom de pele. Assim como o aluno deficiente, não precisa ser reconhecido como ‘’portador de deficiência’’ e sim como uma pessoa que vai muito além do que a sua limitação (GOMES, 2005).

Dessa forma, é importante enaltecer os indivíduos, valorizar suas características e trabalhar com a representatividade, ou seja, personagens negros, nordestinos, deficientes, com diferentes religiões, entre outros para que os alunos se sintam representados e também apresentados a um universo diferente do deles, mas sempre muito enriquecedor.

É um processo contínuo e construído por pequenas ações, mas que certamente contribuem para a criação de um ambiente mais harmônico, acolhedor e capaz de enxergar a beleza de ser exatamente aquilo que se é. Acredita-se que as crianças conscientes de hoje serão os adultos que farão grandes transformações na sociedade no amanhã.

É importante ressaltar que o professorado também precisa passar por diversas ações de formação continuada, para que consigam entender a problemática e traba-

lharem de forma eficiente, pois muitos podem adotar posturas preconceituosas ou até mesmo negacionistas, com falas de que não existe racismo, que isso é coisa da cabeça dos negros que não se aceitam, entre outras visões que são incoerentes com a realidade que precisa ser enfrentada (FREITAS, 2011).

Considera-se que o silêncio de um profissional frente a uma situação de discriminação, por exemplo, pode reforçar justamente o que precisa ser desconstruído, por isso, trata-se de um trabalho que se inicia muito antes da sala de aula.

Essa crença, ou melhor, permanência em achar que as crianças pequenas não manifestariam comportamentos racistas e discriminatórios. Algumas professoras de educação infantil não acreditavam que, na faixa etária de 3 a 5 anos, seriam possíveis atitudes de caráter racista, preconceituoso e discriminatório. No entanto, a autora constatou em sua pesquisa que nessa fase as "crianças brancas revelaram um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo caráter negativo à cor da pele", ao passo que as "crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem" (CAVALLEIRO, 2000 apud BENTO, 2011, p. 145).

A lei 10.639/03 gera o respaldo jurídico para a construção de um novo olhar e identidade para a criança, a fim de que desenvolva autoestima a partir da valorização de si e dos seus, assegurando também a todos os estudantes a importância de trabalhar essa base como um patrimônio de todos os brasileiros.

A formação docente tem sido objeto de estudo, considerando a LDB nº9394/96 e as demandas do mundo contemporâneo. A formação docente deve ser correlacionada com qualidade de ensino que deve ser proporcionada aos alunos que ingressam nas universidades, refletindo positivamente para a sociedade como um todo (FAUSTO, 2002).

Assim, as práticas devem ser reavaliadas, analisadas e substituídas por inovadoras, formando profissionais qualificados para atender as demandas do mundo contemporâneo e globalizado. Contudo, percebe-se uma priorização na formação individual no lugar de uma que contemple o trabalho em equipe em detrimento dos aspectos afetivos acentuando os cognitivos.

Por fim, reconhece-se que o professor precisa ser crítico, consciente e atuante em seu meio, desenvolvendo potencialidades ligadas as capacidades mentais e afetivas, além de atuar como pesquisador para encontrar saídas e soluções individuais e sociais através de trocas de conhecimento, respondendo adequadamente os desafios impostos no cotidiano (FAUSTO, 2002).

Além disso, este profissional precisa atuar de maneira a gerar o conhecimento com qualidade, transformando- o em um saber elaborado e, principalmente, acessível para mudar a realidade que é discutida desde a fase imperial.

Dessa forma, percebe-se que urgentemente instituições precisam modificar, transformar e promover uma formação adequada de seus profissionais, para que repassem isso na formação dos seus alunos.

Isso engloba a necessidade de enfatizar a importância da formação continuada

do professor, para responder os desafios do cotidiano escolar, contemporaneidade e avanço tecnológico. O profissional do ensino, entre as mais diversas profissões, é o que mais precisa estar em constante atualizando, buscando conhecimento para poder transmiti-lo. Além disso, este profissional deve ter domínio de competências especificas, atendendo as dificuldades individuais do aluno, assim como as gerais de toda a sala, mantendo-se constantemente atualizado através de congressos, simpósios, intercâmbios, entre outros, para mediar adequadamente o processo de ensino aprendizagem dos alunos (FAUSTO, 2002).

Por fim, conclui-se que a formação efetiva envolve uma reforma no sistema de ensino, sobretudo na Educação Superior que atua diretamente na formação de docentes, promovendo a continuidade dos estudos e constante atualização destes profissionais, enfatizando a necessidade da inserção do contexto social e cultural nas práticas pedagógicas destes, a fim de melhorar a qualidade do ensino como um todo.

3. CONCLUSÃO

Por meio do desenvolvimento do estudo pode-se constatar que as relações étnico-raciais precisam ser refletidas como uma necessidade advinda da diversidade brasileira, sendo um meio fundamental para a construção da identidade cultural e nacional. Por isso, é de suma importância que os profissionais da educação consigam trabalhar em prol da diversidade, não ensinando que todos são iguais, mas sim que as peculiaridades de cada um formam exatamente a base do nosso país, e que cada povo, cada história e cada ser é dotado de cultura e contribuição que impacta o todo, de forma que a valorização da diversidade seja discutida e trabalhada desde cedo a fim de transformar a mentalidade da sociedade frente a esta temática.

Especialmente na Educação Infantil, estima-se que a cultura negra seja trabalhada de forma lúdica, desde a inserção de personagens negros para a identificação das crianças, exercícios sobre a diversidade, figuras históricas para o Brasil e mundo, entre outros para que a imagem não seja somente associada ao triste período da escravidão. Contudo, não significa que este não deva ser abordado na escolarização, mas sim que precisa ser feito de forma a estimular sensibilidade e luta pelos direitos.

Estimular a valorização da riqueza da cultura negra e as contribuições é contribuir para a construção de uma sociedade melhor, e sendo o professor um agente de transformação é essencial trabalhar a partir de conhecimentos que transcendam os muros escolares.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva. Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2011.

CANDAU, Vera Maria. Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FAUSTO, B. História Concisa do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.